

**TESTEMUNHO E ESCRITA MARGINAL: *QUARTO DE DESPEJO*.
DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA DE JESUS¹**

Évila Ferreira de Oliveira²
Ana Cristina Sá Flores Oliveira³

“O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. [É] preciso conhecer a fome para poder descrevê-la”.

“O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora”.

(CAROLINA DE JESUS)

Resumo: A Segunda Guerra mundial transformou os modos de se pensar a história. Dentro desse contexto tiveram início os estudos culturais, os quais se ressaltam pelo resgate que fazem das experiências culturais dos que vivem nas margens, entendendo-as, também, como manifestação de resistência. O presente trabalho traz para o debate *Quarto de despejo*. Diário de uma favelada, título de livro escrito por Carolina de Jesus, ex-catadora de lixo da cidade de São Paulo, uma obra testemunhal que, a despeito da pouca escolaridade da autora, ou seja, uma escrita “típica de quem ficou a meio caminho da instrução primária,” representa com crueza e poesia a experiência de quem viveu, na própria carne, o efeito da desigualdade social.

Palavras-chave: estudos culturais; representação; testemunho; cânone.

Os eventos trágicos da Segunda Guerra mundial foram os responsáveis pela transformação da lógica do pensamento sobre a concepção de história. É dentro desse contexto de mudança que têm lugar os estudos culturais.

No final dos anos de 1950, escritos de três autores passam a ser considerados o lastro dos estudos culturais. Richard Hoggart (1957) com a publicação de *The Uses of Literacy*; depois, em 1958, Raymond Williams publica *Culture and Society*, e, por último, Edward Pelmer Thompson (1953), com a publicação de *The making of the English Working-class*.

A obra de Richard Hoggart é um misto de autobiografia e de história cultural de meados do século XX. Segundo Ana Carolina Escosteguy, (2001), Hoggart direcionou a

¹No texto, todas as citações do livro *Quarto de despejo* foram transcritas, mantendo-se as “irregularidades” ortográficas presentes na obra.

² Professora na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: evila_oliveira@yahoo.com.br.

³ Professora, especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela UFBA.

sua pesquisa especialmente para os materiais culturais, um aspecto da realidade, até àquele momento, desprezado, ou seja, assuntos concernentes à cultura popular e aos meios de comunicação de massa até ali ignorados pelas pesquisas acadêmicas. Para isso, resgatar este aspecto, Hoggart teria empregado para as suas pesquisas uma metodologia de natureza qualitativa. O trabalho desse autor se ressalta pela forma inovadora com que passa a fazer a leitura do popular, uma vez que é capaz de perceber que, naquele espaço, não se verifica apenas submissão, mas que as ações de resistência ali têm lugar. Como refere Escosteguy (2001, p. 22), os estudos de audiência dos meios massivos, mais tarde, iriam provar a veracidade das teses de Hoggart quando estes se prestaram a recuperar as experiências da cultura popular.

Raymond Williams, por sua vez, procede a um constructo do histórico do conceito de cultura, tendo como resultado a ideia de que “a ‘cultura comum ou ordinária’ pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 21). Com isso, faz a proposição inovadora segundo a qual a cultura se mostra como um significativo veículo, ou seja, uma categoria-chave que é capaz de conectar a análise de textos ficcionais à investigação social.

Thompson, no que escreveu em 1953, adotando uma visão inspirada na ideologia marxista, ocupa-se em reconstruir “uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular – a história ‘dos de baixo’” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 22). Certamente que a influência marxista o fazia conceber a cultura “enquanto enfrentamento entre modos de vida diferentes” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 23).

Em 1961 Williams publica *The Long Revolution*, uma obra que se soma às três anteriores. Vem de Escosteguy a afirmação de que são essas quatro obras desses três pesquisadores que se constituem nas primeiras manifestações dos estudos culturais na Inglaterra. Todavia, é esta mesma autora que também ressalta que é possível se identificar outras “origens” para os estudos culturais, como é o caso da origem canadense, o que, na verdade, só vem mostrar o descentramento desses estudos na contemporaneidade.

Os estudos culturais atraíram para si as tensões mais urgentes no que tange a tempo e sociedade nos quais foram escritos. Essa mesma peculiaridade também os transformou em tema detonador de acirrados debates por todo o mundo – e, também, constituíram-se em respostas a estas pressões –, culminando por abalar pontos de vista cristalizados pela tradição e pelas ideologias. Foi um trabalho, como oportunamente

lembra Escosteguy, recuperando a fala de Blundell *et al.*, que teve início nos finais da década de 1950 impulsionado por um contexto histórico e social específico para o qual eram lançados olhares de perspectivas diferentes para uma sociedade marcada pelo fim de um evento-limite: a Segunda Guerra mundial, em um país que passava a importar ou ser invadido pela cultura americana através dos meios de comunicação de massa (ESCOSTEGUY, 2001, p. 24). A leitura da realidade britânica passou a ser feita pelas lentes dos estudos culturais cuja ascensão culminou com uma crise de identidade nacional.

A reflexão que pretendemos fazer é quanto ao que existe de comum entre as proposições desses considerados os pais dos estudos culturais, e o lugar que o testemunho poderá ter no universo dos estudos culturais. Duas importantes reorientações são encontradas como pontos em comum entre esses três autores: 1) o padrão estético-literário de cultura, ou seja, aquilo que era considerado “sério” no âmbito da literatura, das artes e da música passa a ser visto apenas como uma expressão de cultura; e, 2), todas as expressões culturais devem ser vistas em relação ao contexto social das instituições, das relações de poder e da história (ESCOSTEGUY, 2001, p. 26).

Imaginamos que o termo “sério”, empregado entre aspas aponta para uma situação de questionamento ou de desconstrução do que venha a ser cânone literário, o que corresponderia ao que deveria ser uma literatura ou manifestação de arte considerada “séria”, isto é, o cânone.

Boaventura de Sousa Santos ao tratar desta questão esboça o seguinte entendimento:

Entende-se por cânone literário na cultura ocidental o conjunto de obras literárias que, num determinado momento histórico, os **intelectuais e as instituições dominantes ou hegemônicos consideram ser os mais representativos e os de maior valor e autoridade numa dada cultura oficial** (SANTOS, 2008, p. 71 - grifos meus).

Como se pode facilmente depreender, os termos em destaque marcam a sustentação da deliberação de um cânone plantada na imposição daquele que detém o poder nas mãos apoiado em uma ideologia dominante, sempre orientada para favorecer os seus iguais, os da cultura oficial. Naturalmente que uma “cultura oficial”

espontaneamente não iria incluir na sua seleção “os excluídos”, mesmo porque eles sequer falam a sua mesma língua, a exemplo dos que falam outros dialetos, os semi-analfabetos e os analfabetos. No caso da autenticidade da fala de Carolina nesta obra, por exemplo, o poeta Manuel Bandeira assim se posiciona: “ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com *extraordinária força criativa* mas típico de quem ficou a meio caminho da instrução primária” (JESUS, 2007, p. 8).

E, citando Guillory, Santos (2008), arremata: O papel que coube à igreja na constituição do cânone bíblico foi idêntico ao desempenhado pela escola e pela universidade do Norte global no que respeita ao cânone literário e ao cânone artístico em geral (p. 71).

Nesta citação é reforçada a idéia da resistência da Academia em aceitar como arte “séria,” outras formas de manifestações artísticas provindas de outros espaços que não o centro. Mas, é no seio da própria academia, instada por uma força sociocultural exterior, que uma revolução quanto a esta questão tem início. De acordo este autor foi exatamente na segunda metade do século XX que os países centrais da Europa e os Estados Unidos, em especial, viram-se confrontados com o problema fundamental que era o de saber quais eram as obras que teriam o direito de entrar no “panteão sagrado da cultura nacional” (SANTOS, 2008, p. 72). A relativa estabilidade de um cânone facilmente reconhecível e reconhecido, continua Boaventura de Souza Santos, “foi posta em causa pelo confronto do mundo ocidental com identidades e culturas outras, cada vez mais difíceis de ignorar” (SANTOS, 2008, p. 72).

A obra que escolhemos como texto emblemático da reflexão pode ser definida como tudo aquilo que está fora do cânone, “que muitas vezes contraria a gramática” (JESUS, 2007, p. 9), levando-se em consideração a definição fornecida por Boaventura Santos (2008). Essa obra é um diário escrito por uma mulher catadora de lixo, moradora de uma favela na grande São Paulo, a Favela do Canindé às margens do rio Tietê. Uma mulher que tivera instrução escolar equivalente à segunda série do nível fundamental I: “mesmo elas aborrecendo-me eu escrevo. Sei dominar os meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter” (JESUS, 2007, p. 16). Este livro, intitulado *Quarto de despejo*. Diário de uma favelada, começou a ser escrito em 15 de julho de 1955, data do primeiro registro no diário. É um grito que traz a história ‘dos de baixo,’” como diria Thompson, um “balbucio,” como ajuntaria Hugo Achugar (2006), todavia pungente e legítimo, que não pôde deixar de ser ouvido.

No âmbito da teoria da literatura apresentam-se dois vastos campos na área do testemunho. Um, oriundo da realidade da Europa e América do Norte, guarda as suas especificidades e, de modo dominante, debruça-se sobre as questões ligadas à Segunda

Guerra mundial e o seu desdobramento em todos os territórios ocupados pelos alemães. O outro campo, denominado de *testimonio*, diz respeito aos estudos da realidade latino-americana, à sua, também, experiência histórica, ao cenário de exceção que deu lugar às guerrilhas, ao “desaparecimento” de pessoas, às prisões e aos porões de tortura e tem início nos finais dos anos 1960. Foi graças à instituição do Prêmio Casa das Américas, logo após a Revolução Cubana, que o gênero *testimonio* se institucionalizou e ganhou impulso. É nesta conjectura política que Cuba resolve assumir a liderança de um movimento de revisão da história, a qual passou a ser recontada a partir do ponto de vista dos excluídos do poder, e dos explorados economicamente. A revista Casa das Américas foi providencial no que tange a se constituir em um elo de ligação, muito forte, entre os países irmãos do continente latino-americano e catalisador desse processo.

A obra, em questão, *Quarto de despejo*, foi referida na Revista Casa das Américas, de número 03 publicada em 1960. Este trabalho foi encarado com uma noção de *testimonio*, entretanto, de um testemunho pejado de valor de testemunho histórico mais do que de literatura de testemunho propriamente dita. A descrição que é feita da obra a coloca no âmbito do que se chamou de “*testimonio* social”, uma narrativa “diarista” cujo valor foi reconhecido em razão da sua importância, enquanto “conhecimento da situação de desamparo e miséria em que vive parte da população brasileira” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 87). Por conseguinte, no âmbito da América Latina, ocorre uma convergência entre política e literatura, sendo que “após 1973 não se pode mais distinguir claramente entre o político e o literário” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 88). Todavia, adverte esse mesmo autor, não se pode fazer confusão entre o que seja “testemunho enquanto atividade que pode ser encontrada em vários gêneros e a literatura de *testimonio* propriamente dita” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 88).

Quarto de despejo é, pois, esta obra que emerge de um lócus habitado “pelos de baixo” e se ergue como uma voz autoral autêntica que não quer se deixar falar por outro, estranho, que não passou pelo crivo da sua experiência:

“Quem não conhece a fome há de dizer:

“Quem escreve isto é louco!” Mas quem passa fome há de dizer:

–Muito bem Carolina. Os generos alimentícios deve ser ao alcance de todos.

(JESUS, 2007, p. 39 - grafia)

É um diário que desfia, a cada dia, o tecido do conflito da falta de tudo em uma favela: falta de sossego, pois a vizinhança, mesmo os seus iguais, a insultava por ela saber escrever:

[...] Sentei ao sol para escrever. A filha da Sílvia, uma menina de seis anos, passava e dizia:

–Está escrevendo, negra fidida!

A mãe ouvia e não repreendia. São as mães que instigam.

(JESUS, 2007, p. 27)

falta de comida, um “espetáculo” cuja reprise se dava diariamente:

[...] Eu tenho tanto dó de meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

– Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. [...] ... Choveu, esfriou. É o inverno que chega. No inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida e eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era nove horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!

(JESUS, 2007, p. 31-2).

de solidariedade,

A única coisa que não existe na favela é solidariedade.

(JESUS, 2007, p. 16)

de liberdade e/ou direitos, pois nos dias em que se sentia indisposta, Carolina não podia ficar em casa, uma vez que a ditadura de ir catar papel, especialmente à noite, para garantir o alimento das crianças, içava-a de dentro de casa para a rua à procura de papel, esta tática estranha de obter recursos:

16 de maio. Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer.

(JESUS, 2007, p.33).

Essas poucas citações são suficientes para mostrar a lucidez com que a personagem se enxerga em meio à lama e ao odor pútrido de uma favela. Sobretudo para ilustrar como o outro, aquele que faz parte da “cultura oficial,” faz com que, dessa forma, se veja:

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustre de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar no quarto de despejo.

(JESUS, 2007, p. 38)

O conhecimento que o diário de Carolina expressa, mostra como a personagem absorve, de maneira dura, a partir das próprias marcas deixadas no seu corpo, a aspereza da fome e de toda sorte de privação, a odiosa desigualdade das classes sociais que caracteriza as grandes cidades, de modo especial, São Paulo:

[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. [...]

(JESUS, 2007, p. 32)

Não fosse a vertente dos estudos culturais, talvez os moradores do “planeta do Canindé” permanecessem, para sempre, “sem boca” – essa emblemática expressão adequadamente utilizada por Hugo Achugar (2006) – emudecidos e esquecidos, não fosse o testemunho de Carolina de Jesus que, ao expor a sua própria experiência, funciona como exemplo de si própria e de uma coletividade específica: os catadores de lixo, personagens já vistos como banais no cotidiano das grandes cidades. O diário de

Carolina, se lido pelas lentes dos estudos culturais, retira-se da sombra do cânone, ganha visibilidade, traduzindo-se em conhecimento aceitável por que legítimo, colhido das fontes da experiência de histórias singulares, locais. Carolina de Jesus vale-se daquilo que conseguiu aprender da língua do letrado, nos seus apenas “dois anos de grupo escolar”, como ela mesma informa. É com rudimentos e balbucios que constrói um texto que responde, à altura, às ideologias e ao poder constituído, ao tempo em que denuncia mazelas, desmandos, incompetência e falta de conhecimento de causa para governar. Mais do que isso: a escrita do diário dessa autora infere, inteligentemente, qual seja o resultado que possa advir de governos como tais:

[...] O que senhor Juscelino tem de aproveitável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o catete. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são gatos. Tem fome.

(JESUS, 2007, p. 36)

A citação acima é a prova da lição aprendida cruamente nas frias ruas de São Paulo. Carolina aquela que ficou “a meio caminho da instrução primária” (JESUS, 2007, p. 8), expressa, com maestria, valendo-se da analogia que logra estabelecer com essa pequena parábola, conhecimento seguro a respeito da desigualdade social.

O diário de Carolina é, também, um detonador de questões cruciais da literatura que são os textos indecíveis. Esta indecibilidade entre ser e não ser literatura é um dos pontos cruciais dos polêmicos debates a respeito das escritas denominadas “literatura de testemunho” e parece apontar para o fato de que a literatura, enquanto esfera bem delineada em relação a outros discursos, se não perdeu o seu poder de guardar para si uma política própria, tem encontrado dificuldades para exercê-lo. (LUDMER, 2012). Daí a importante contribuição do que escreve Josefina Ludmer (2012), pois expressa, de modo bem claro, que as margens entre os textos que “são e não são literatura” (p.1), estão borradas. E isso diz respeito às escritas de testemunho, vez que “atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e ficam dentro e fora” (p.1) e, assim, acabam por minar os lastros sobre os quais, até então, se sustentaram tanto a lógica da historiografia quanto o da representação literária.

Do que dissemos, concluímos que: o texto testemunhal não se volta para o passado apenas com uma postura nostálgica, antes, do passado lança mão para melhor

compreender o tempo presente. O lugar do testemunho nos estudos culturais vem ao encontro do que Stuart Hall (2003), muito apropriadamente declarou:

O título “Estudos culturais e seu lugar teórico” implica para que se olhe para o passado, de forma a poder consultar-se e pensar-se o presente e o futuro dos estudos culturais em retrospectiva. Parece mesmo ser necessário fazer-se algum trabalho genealógico e arqueológico nos arquivos. Ora, me é extremamente difícil lidar com a questão dos arquivos, pois, no que toca aos estudos culturais, sinto-me como um *tableau vivant*, um espírito do passado ressuscitado, outorgando-se a si próprio a autoridade de uma origem. (p.199).

Compreender como os fatos se dão no tempo presente, através de uma analogia com o passado, consiste em uma estratégia para se evitar que os eventos do cotidiano caiam na zona do esquecimento e que os indivíduos se alienem; trazer a obra de Carolina de Jesus para o debate no espaço acadêmico reencena e valida a atitude de Richard Hoggart quando, em 1957, já vislumbrava o resgate dos materiais culturais, esforço que trouxe para o cenário da literatura as experiências da cultura popular, vislumbrando-a e às suas peculiaridades, como um ato de resistência, inclusive de opor-se a um modelo canônico determinado por intelectuais e instituições dominantes. Os textos testemunhais e suas margens borradas aparecem como um significativo veículo capaz de conectar a análise de textos ficcionais à investigação social. Como acontece com *Quarto de despejo*.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*. Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografia dos estudos culturais*. Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. Diário de uma favelada. 9 ed., São Paulo: Ática, 2007.

LUDMER, Josefina. *Literaturas pós-autônomas*. Disponível em: <<http://culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>>. Acesso: 28 març. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2005.